

Editorial

Um jeito de se encarar a vida em sociedade é ver tudo em termos duais: noite e dia, pai e filho, eu e os outros – sendo “eu” a prioridade, sempre. Esse é inclusive o jeito mais comum de se educar as crianças, por ser quase instintivo: primeiro eu cuido de mim necessidades, depois dos outros. A questão é que isso pode levar a uma característica comportamental que se perpetua ao longo da vida: o egocentrismo. A pessoa cria para si a fantasia de ser a prioridade em todas as suas relações, e age e acordo com a fantasia. Na criança é até natural – ela deve perceber-se enquanto um elemento importante para criar referências diversas de individualidade – mas há quem leve para além dessa fase o comportamento egocêntrico e interaja assim a vida inteira. Compreende-se isso como uma relutância em abandonar a infância: não conseguir abdicar da facilidade de ser sempre a mais importante para todos.

Mas triste mesmo é o comportamento do egoísta, que tenta moldar as pessoas à sua imagem e semelhança. Ao egoísta não basta ser como o centro das atenções; é necessário que todos atendam às suas necessidades – e rápido. O mundo não gira ao seu redor: ele existe em sua função, e tudo que há ali está para o servir. Com o egoísmo vêm a intransigência e a deslealdade, a pessoa perde o limite. Todos vivemos momentos egoístas, até porque é uma questão de sobrevivência priorizar-se, um mecanismo genético de perpetuação. Outra coisa é viver um eterno momento egoísta – roubando, prejudicando e derrubando tudo no caminho apenas para “se dar bem”. O egoísmo é um jogo muito perigoso, principalmente em tempos incertos. Somos a diferença, para o bem ou mal, é inadmissível que alguém se dê ao luxo de pensar que para ela não importa, desde que ela não se prejudique. Andamos todos na tênue linha entre a esperança e a estagnação, não podemos arriscar o futuro coletivo em nome do presente individual só por termos aprendido a ver tudo sem nuances.

Tatiana Montenegro

Editor responsável: Tula Minassian
Colaboradora: Maria Balé
Diagramação: Tatiana Montenegro
Impressão: Gráfica Sangar
Fale Conosco: tula@playitagain.com.br

Circulando



Corrida no Parque Ibirapuera - 26/08/06



Recepção aos Amigos de Ibiúna - 05/09/06

Tênis

Interclubes

Atendendo as expectativas de sócios participantes do Campeonato Paulista de Interclubes, estamos providenciando mudanças nas rotinas e procedimentos para participação nesta competição. A implementação estará sob responsabilidade da coordenação do tênis e os interessados deverão dialogar com os professores Albers e/ou Ney para buscar maiores detalhes. Estamos também disponibilizando na página do tênis no menu notícias informações esclarecedoras. O objetivo dessas mudanças será a integração das equipes e a melhora da performance do Helvetia nesta competição. *A Diretoria do Tênis.*

Baby Tênis

O “Baby Tênis” é uma modalidade implantada no nosso clube, há várias gestões, para iniciação de nossas crianças na prática desse esporte. O Helvetia possui grande interesse que nossas crianças desenvolvam o hábito do convívio entre os sócios, façam amizades, divirtam-se, e paralelamente aprendam corretamente esse esporte, pois são a base de nossos futuros tenistas.

Assim, a partir desta data qualquer criança, filho ou filha de sócio, que se encaixe neste perfil poderá fazer aulas de tênis gratuitamente. Horários, professores, e disponibilidade de quadras serão informados através de nossos quadros de avisos.

Observamos que nesta data já contamos com um efetivo de alunos duas vezes superior aos praticantes em janeiro deste ano, e esta diretoria tem como meta atingir o patamar de seis vezes o número médio de praticantes em relação ao mesmo mês de janeiro de dois mil e seis.

Agradecemos a cooperação de todos para o equacionamento bem sucedido de mais essa atividade.

Damas

O Helvetia sediou em mais esta oportunidade o Torneio de Damas da Federação Paulista de Tênis. Mais de sessenta atletas de vários clubes da capital e região foram recebidas com farto café da manhã, e almoço a base de crepes.

Destacamos nossas meninas com medalhas, duas de ouro, Claudete Waldvogel e Maria Balé e uma medalha de prata, Tereza Yamamoto.

11/08/2006

Aniversariantes do mês

Estivemos nesta data saboreando pizzas salgadas, pizzas doces, e um incrível bolo coberto por morangos feito por Maria Balé.

Assim, comemoramos os aniversariantes de junho e julho de 2006, com um sambinha de fundo ensaiado pelo Mazzeti, Mark e Neco.

Vale mencionar que a organização estava impecável, e estamos formando expertise em reuniões de amigos.

Aos aniversariantes, Feliz Aniversário. E aos demais Muitas Felicidades



Amistoso contra o Esporte Clube Pinheiros.



Torneio de damas



Copa Gulliver de Mini Tênis

Por Aí

Impressões Ludopédicas III – 06/07/2006 – Por Mauro Donato

O novo verbete

Eu já vou começar a escrever, já já. Esperem só um pouco que estou arrumando as meias, só mais um minutinho, calma, muita hora nessa calma. O que? A colu-na já começou? Agora é tarde demais. Devo correr atrás das letras pois fiquei em desvantagem. A quantidade de e-mails com imagens do gol da França que recebi desde a derrota do escrete canarinho foi enorme. Vinham de todos os lados acompanhados de gráficos, cronômetros a marcar o tempo que Roberto Carlos levou até pelo menos ficar ereto, as especula-ções sobre o que fazia naquele instante. A verdade fica-rá tão secretamente sepultada assim como foi a convul-são de Ronaldo em 98.

Eu, sinceramente, tenho a impressão de que “ficou arru-mando as meias” passará a ser expressão idiomática para definir distração, desatenção, retardo na reação. Fulano ficou arrumando as meias substituirá o já batido fulano perdeu o trem da história.

Começou a Copa

Antes do início da Copa do Mundo, as conversas come-çavam sempre com a indagação: o Brasil leva essa? Invariavelmente a resposta era igual em diferentes boc-cas: tem tudo para vencer (com a variação: só não ga-nha se não quiser). E não quis! Vontade e empenho em campo, que venho cobrando desde a primeira coluna, iniciou-se finalmente com as semifinais. Portugal ontem foi bravo, valente. E ademais a simpatia que toda equi-pe de camisas brancas e calções negros provoca neste que vos escreve, é preciso reconhecer que a Alemanha teve muita força em dois jogos seguidos com prorroga-ção. Foi invejável.

Tudo azul na Alemanha

Contrariando todas as expectativas e previsões (inclusi-ve deste escriba) de uma final entre Alemanha e Portu-gal, a Squadra Azzurra e Les Bleus farão o embate. Tudo azul.

Como todos torceram pelo Portugal de Felipão, a Fran-ça, com seu futebol limpo e refinado para o padrão eu-ropeu, ao eliminar mais uma equipe preferida pelos bra-sileiros corre o risco de tornar-se a inimiga da torcida tupiniquim. Uma pena que a emoção acabe impedindo-os de saborear (e sobretudo reconhecer) o estilo clássi-co de Zinedine Zidane.

Zidane acabou com o jogo, deu um passeio e um show. Os apaixonados brasileiros dirão que naquele dia nin-guém o marcou e que portanto foi fácil, que “assim até eu”. Nunca é fácil vencer o Brasil, especialmente em quartas-de-final. E influenciado pelos atuais cronistas e repórteres-poetas do jornalismo esportivo vou esbanjar erudição e citar Abelardo Barbosa, o Chacrinha, que com o timbre que lhe era característico e o dedo na ponta do nariz diria: palmas para Zidane que ele mere-ce.

Rapidinhas

Em época de Eleições...

Pesquisa Fracassada

Na tentativa de resolver o problema da fome no mundo, a ONU decidiu fazer uma pesquisa em todo o mundo. Enviou uma carta para o representante de cada país com a pergunta: “Por favor, diga, honestamente, qual é a sua opinião sobre a escassez de alimentos no resto do mundo”.

A pesquisa foi um grande fracasso. Sabe por quê?

Todos os países europeus não entenderam o que era “escassez”.

Os africanos não sabiam o que era “alimento”.

Os cubanos estranharam e pediram maiores explicações sobre o que era “opinião”.

Os argentinos mal sabem o significado de “por favor”.

Os norte-americanos nem imaginam o que significa “resto do mundo”.

O congresso brasileiro está até agora debatendo o que é “honestamente”.

Texto enviado por Maria Balé

Leia e Reflita:

Se beber não dirija. Nem governe.

”Até aqui, em 40 meses de governo, o presidente Lula já cometeu 102 viagens

ao mundo.

Ou mais de duas por mês, tal como semana sim, semana não.

Sem contar, ora pois, as até aqui, 283 viagens pelo Brasil.

Hoje, dia 15, ele completa 382 dias fora do país desde a posse.

E pelo Brasil, no mesmo período, 602 dias fora de Brasília.

Total da itinerância presidencial, caso único no mundo e na História:

exatos 984 dias fora do Palácio, em exatos 1.201 dias de presidência.

Equivale a 81,9% do seu mandato fora do seu gabinete.

Esta é a defesa da tese de que ele não sabia e nem sabe de nada do que

acontece no Palácio do Planalto.

Governar ou despachar, nem pensar.

A ordem é circular.

A qualquer pretexto.

E sendo aqui deselegante, digo que o presidente não é (nem nunca foi)

chegado ao batente, ao despacho, ao expediente.

Jamais poderá mourejar no gabinete, dez horas por dia, um simpático

mandatário que tem na biografia o nunca ter se sentado

à mesa nem para

estudar, que dirá para trabalhar.”

E o povão ainda aplaude e vota!

JOELMIR BETING

“Pensando bem, o horário eleitoral gratuito é o único mo-mento em que políticos bandidos ficam em cadeia nacio-nal.”

Contribuindo

Cuidado com os Burros Motivados -

Entrevista com Roberto Shinyashiki Publicada na Revista Istoé - Parte I

ISTOÉ — Quem são os heróis de verdade?

Roberto Shinyashiki — Nossa sociedade ensina que, para ser uma pessoa de sucesso, você precisa ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe. O mundo define que poucas pessoas deram certo. Isso é uma loucura.

Para cada diretor de empresa, há milhares de funcionários que não chegaram a ser gerentes. E essas pessoas são tratadas como uma multidão de fracassados. Quando olha para a própria vida, a maioria se convence de que não valeu a pena porque não conseguiu ter o carro nem a casa maravilhosa. Para mim, é importante que o filho da moça que trabalha na minha casa possa se orgulhar da mãe. O mundo precisa de pessoas mais simples e transparentes. Heróis de verdade são aqueles que trabalham para realizar seus projetos de vida, e não para impressionar os outros. São pessoas que sabem pedir desculpas e admitir que erraram.

ISTOÉ — O sr. citaria exemplos?

Shinyashiki — Dona Zilda Arns, que não vai a determinados programas de tevê nem aparece de Cartier, mas está salvando milhões de pesso-as. Quando eu nasci, minha mãe era empregada doméstica e meu pai, órfão aos sete anos, empregado em uma farmácia. Morávamos em um bairro miserável em São Vicente (SP) chamado Vila Margarida. Eles são meus heróis. Conseguiram criar seus quatro filhos, que hoje estão bem. Acho lindo quando o Cafu põe uma camisa em que está escrito “100% Jardim Irene”. É pena que a maior parte das pessoas esconda suas raízes. O resultado é um mundo vítima da depressão, doença que acomete hoje 10% da população americana. Em países como Japão, Suécia e Noruega, há mais suicídio do que homicídio. Por que tanta gente se mata? Parte da culpa está na depressão das aparências, que acomete a mulher que, embora não ame mais o marido, mantém o casamento, ou o homem que passa décadas em um emprego que não o faz se sentir realizado, mas o faz se sentir seguro.

ISTOÉ — Qual o resultado disso?

Shinyashiki — Paranóia e depressão cada vez mais precoces. O pai quer preparar o filho para o futuro e mete o menino em aulas de inglês, informática e mandarim. Aos nove ou dez anos a depressão aparece. A única coisa que prepara uma criança para o futuro é ela poder ser criança.Com a desculpa de prepará-los para o futuro, os malucos dos pais estão roubando a infância dos filhos. Essas crianças serão adultos inseguros e terão discursos hipócritas. Aliás, a hipocrisia já predomina no mundo corporativo.

ISTOÉ - Por quê?

Shinyashiki — O mundo corporativo virou um mundo de faz-de-conta, a começar pelo processo de recrutamento. É contratado o sujeito com mais marketing pessoal. As corporações valorizam mais a auto-estima do que a competência. Sou presidente da Editora Gente e entrevistei uma moça que respondia todas as minhas perguntas com uma ou duas palavras. Disse que ela não parecia demonstrar interesse. Ela me respondeu estar muito interessada, mas, como falava pouco, pediu que eu pesasse o desempenho dela, e não a conversa. Até porque ela era candidata a um emprego na contabilidade, e não de relações públicas. Contratei na hora. Num processo clássico de seleção, ela não passaria da primeira etapa.

ISTOÉ — Há um script estabelecido?

Shinyashiki — Sim. Quer ver uma pergunta estúpida feita por um presidente de multinacional no programa O aprendiz? “Qual é seu defeito?” Todos respondem que o defeito é não pensar na vida pessoal: “Eu mergulho de cabeça na empresa. Preciso aprender a relaxar”. É exatamente o que o chefe quer escutar. Por que você acha que nunca alguém respondeu ser desorganizado ou esquecido? É contratado quem é bom em con-versar, em fingir. Da mesma forma, na maioria das vezes, são promovidos aqueles que fazem o jogo do poder. O vice-presidente de uma das maiores empresas do planeta me disse: “Sabe, Roberto, ninguém chega à vice-presidência sem mentir”. Isso significa que quem fala a verdade não chega a diretor?

ISTOÉ — Temos um modelo de gestão que premia pessoas mal preparadas?

Shinyashiki — Ele cria pessoas arrogantes, que não têm a humildade de se preparar, que não têm capacidade de ler um livro até o fim e não se preocupam com o conhecimento. Muitas equipes precisam de motivação, mas o maior problema no Brasil é competência. Cuidado com os burros motivados. Há muita gente motivada fazendo besteira. Não adianta você assumir uma função para a qual não está preparado. Fui cirurgião e me orgulho de nunca um paciente ter morrido na minha mão. Mas tenho a humildade de reconhecer que isso nunca aconteceu graças a meus che-fes, que foram sábios em não me dar um caso para o qual eu não estava preparado. Hoje, o garoto sai da faculdade achando que sabe fazer uma neurocirurgia. O Brasil se tornou incompetente e não acordou para isso.

ISTOÉ — Está sobrando auto-estima?

Shinyashiki — Falta às pessoas a verdadeira auto-estima. Se eu preciso que os outros digam que sou o melhor, minha auto-estima está baixa. Antes, o ter conseguia substituir o ser. O cara mal-educado dava uma gorjeta alta para conquistar o respeito do garçom. Hoje, como as pessoas não conseguem nem ser nem ter, o objetivo de vida se tornou parecer. As pessoas parece que sabem, parece que fazem, parece que acreditam. E poucos são humildes para confessar que não sabem. Há muitas mulheres solitárias no Brasil que preferem dizer que é melhor assim. Embora a auto-estima esteja baixa, fazem pose de que está tudo bem.

ISTOÉ — Por que nos deixamos levar por essa necessidade de sermos perfeitos em tudo e de valorizar a aparência?

Shinyashiki — Isso vem do vazio que sentimos. A gente continua valorizando os heróis. Quem vai salvar o Brasil? O Lula. Quem vai salvar o time? O técnico. Quem vai salvar meu casamento? O terapeuta. O problema é que eles não vão salvar nada! Tive um professor de filosofia que dizia: “Quando você quiser entender a essência do Ser humano, imagine a rainha Elizabeth com uma crise de diarreia durante um jantar no Palá-cio de Buckingham”. Pode parecer incrível, mas a rainha Elizabeth também tem diarreia. Ela certamente já teve dor de dente, já chorou de tristeza, já fez coisas que não deram certo. A gente tem de parar de procurar super-heróis. Porque se o super-herói não segura a onda, todo mundo o considera um fracassado.

Texto Enviado Por Luiz Sachetti

VISITE NOSSOS SITES !!!

ACESSE WWW.CLUBEHELVETIA.COM.BR E CONFIRA A AGEN-DA DOS SETORES ESPORTIVO E CULTURAL, O CIRCULANDO ONLINE E TODAS AS NOVIDADES DO CLUBE !!!

E WWW.CLUBEHELVETIA.COM.BR/TENIS PARA A AGENDA DE EVENTOS DA MODALIDADE E AS NOVIDADES E CONQUISTAS DE NOS-SOS ATLETAS !!!